

## **“Os últimos dias de Giordano Bruno”**

(excertos da peça construída por Amândio Pinheiro e apresentados sob o regime de leitura encenada durante o Workshop com o mesmo nome promovido em colaboração pelo CFCUL, Teatro da Escola Politécnica e Cátedra "A Razão", e que teve lugar no dia 19 de Fevereiro de 2008, às 18h, no Teatro da Politécnica em Lisboa)

"A trilogia “Os últimos dias de...” produzida pelo Teatro nacional de D. Maria II e apresentada no Teatro da Politécnica, foi dedicada a três vultos maiores da história do pensamento ocidental (Sócrates, Giordano Bruno, Galileo Galilei). Com o denominador comum de terem os três sido vítimas de um processo cruel e violento, ficaram todos na história como cicatrizes da emancipação da razão e do conhecimento científico, essa foi a motivação principal para os levar à cena.

A dramaturgia que desenvolvi à volta de Giordano Bruno foi apoiada em primeiro lugar nos resumos das actas dos processos da Inquisição de Veneza e Roma, e nos diálogos “Acerca do infinito, do universo e dos mundos” e “Cena delle cenere”.

Destes documentos resultou uma peça de teatro para 4 actores umas vezes absolutamente fiel aos textos do próprio Bruno, outras onde se procura encontrar o rasto do seu percurso errante pela Europa do final do sec. XVI."

Amândio Pinheiro

## **Montagem v.9**

### **Prólogo - Z. Afonso:**

Verdade e mentira

Neste livro do mundo  
quase perfeito  
preto e branco irmanados  
de igual jeito  
Quem não foi tribunal  
quem teve mão  
nos juízes da  
Santa Inquisição? (repete quadra)  
Em menino te ensinaram  
mentiras que a morte leva (repete verso)  
Para outra morte bem longe  
de pensares que outra contrária  
com a tua se aglomera

Neste livro de concórdia  
só tem guarida o infinito (repete verso)  
Por Giordano Bruno amado  
como se fora seu filho (repete verso)  
Acima da besta fera  
que na fogueira o lançava  
aquela verdade brilha  
À morte, à morte diziam  
os que não adivinhavam  
que era verdade a mentira  
Até o mar se acomoda  
e paciente requebra (repete verso)  
Enquanto gritas à toa  
a tua verdade cega (repete verso)  
Conta as areias da praia  
o grande mago do mundo? (repete verso)  
Só não mente quem não sente  
que o mistério não tem fundo (repete verso)

José Afonso, *Como se fora seu filho* (faixa 9)

### **Cena 1 – Errância**

Chamo-me Giordano Bruno de Nola, tenho 44 anos, entrei para o mosteiro dominicano em Nápoles quando tinha 14,15 anos onde mais tarde tomei votos e me tornei sacerdote, permaneci na religião até 1576, quando já em Roma fui processado pelo Santo Ofício; porque diziam que eu tinha desprezado as imagens sagradas dos santos.

Deixei o hábito e parti de Roma para Génova, onde fiquei quatro ou cinco meses a ensinar gramática a putos. Daí fui para Turim, depois Veneza onde estampeei um livro, depois para Pádua, onde encontrei certos padres que me persuadiram a retomar o hábito, já em Bergamo retomei o hábito e fui depois para Lion, em seguida para Genebra onde deixei de novo o hábito e me alojei em casa do Marquês Vico Napolitano.

Perguntou-me quem eu era, contei-lhe a minha história e causa do abandono da religião — disse-lhe: que não pretendia professar a religião dessa cidade, porque não sabia que religião era a de Calvino, que estava ali mais por desejar viver em liberdade e ao seguro. O marquês e outros italianos arranjaram-me modo de trabalhar a corrigir algumas estampas, e assim foi durante dois meses.

Resolvi partir de Genebra quando me foi dito que, se não resolvesse aceitar a religião Calvinista, não poderia ficar, fui de novo para Lion onde estive um mês, depois para Toulouse onde durante seis meses dei aulas de filosofia ensinei a astronomia da “Esfera” de John Holywood, e por não ser nessa universidade obrigatório assistir à missa tornei-me depois durante dois anos leitor de filosofia sobre o *De Anima* de Aristóteles.

Parti de Toulouse por causa da guerra, e segui para Paris onde ao ser procurado para leccionar na universidade, não quis aceitar, porque os leitores públicos dessa cidade são obrigados a ir regularmente à missa, e eu sempre fugi a isso, porque era excomungado, porque tinha deixado a religião, e o hábito de dominicano.

Em Paris fui convocado pelo Rei Henrique III que me perguntou se a memória que eu professava fosse natural ou adquirida por arte mágica; eu demonstrei-lhe que a minha memória era fruto da ciência e fiz imprimir um livro *De umbris idearum*, pelo qual o rei me fez leccionar por cinco anos na universidade. Com cartas de Henrique III fui para Inglaterra, para Londres onde estive dois anos e meio a viver em casa do embaixador de sua Majestade Michel Castelnovo, também nessa altura embora se dissesse missa em casa, eu não ia.

Voltei a Paris onde estive mais um ano. Depois de Paris fui para a Alemanha para Meenz, onde estive doze dias; dali fui para Witenberg na Saxónia, onde encontrei

duas facções: uma de Filósofos Calvinistas outra de Luteranos, e um doutor em leis que havia conhecido em Inglaterra, que me levou a dar aulas sobre o *Organon* de Aristóteles, dei estas e outras lições de Filosofia durante dois anos, tendo-se-me tornada hostil a parte que me favorecia, parti para Praga onde fiquei seis meses, aí foi impresso um livro de geometria, pelo qual o Imperador me deu 300 talares.

Partindo de Praga fiquei um ano na Academia Júlia em Bransovich, aí compus uma oração para as exéquias o Duque, que era herético, recebi do filho 80 escudos. Depois fui para Frankfurt onde estive seis meses num mosteiro de frades carmelitas, nessa cidade estampej os livros *De mínimo* e *De numero*. Durante a feira de Frankfurt, no ano de 1591, um livreiro de Veneza chamado Ciotti convida-me a ir para Veneza ensinar a nova filosofia e instruir Giovanni Mocenigo na arte da memoria e da invenção. Em Veneza ensinei a Mocenigo essas artes; quando dois meses depois quis regressar a Frankfurt, para estampar algumas obras, Mocenigo, impediu-me de partir protestando por não ter recebido de mim todos os ensinamentos, insisti, mas Mocenigo fechou-me à chave em sua casa. Disse que só me libertaria se eu lhe ensinasse outras ciências, nessas circunstâncias fui preso pelo Santo Ofício, sob denuncia estou em crer do mesmo Mocenigo.

## **Cena 2 Dialogo Mocenigo-Bruno**

**G. Bruno** – Abre esta porta.

**Mocenigo** — Estas preso!

**G. Bruno** — Abre! Ou nem sabes o que te vai acontecer...

**Mocenigo** — Estás em minha casa há mais de dois meses, porque me não quiseste ensinar? As promessas, as cortesias... mentiras...

**G. Bruno** – A filosofia não é para o teu espírito.

**Mocenigo** — O meu espírito receberá de bom grado aquilo que a minha carteira puder pagar. Tens de me ensinar a tua arte, para que não te acuse à Inquisição, por todas as palavras que contra mim e contra nosso senhor Jesus Cristo disseste, e contra a santa Igreja Católica; estás preso, deste quarto não sairás...

**G. Bruno** — Não temo a inquisição porque não ofendo ninguém ao viver como vivo. Se disse algo que me possa incriminar num tribunal, disse-o a mim próprio, e na melhor das hipóteses a ti, se é que esse teu cérebro de asno compreende o que quer que seja. Nenhum mal me farás. Diante de um tribunal é a minha palavra contra a tua. Uma só acusação, um só acusador não produz uma sentença. E como responderás quando te perguntarem: demorou-te dois meses a perceber quem era Giordano Bruno? Ainda acabas preso comigo...

**Mocenigo** — Não me convences. Falas assim porque temes o mal que eu te posso infligir. Alguém deverá conhecer e punir esses teus pecados.

**G. Bruno** — Quantas vezes te devo repetir — não existe punição para o pecado. Não fazer aos outros o que não queres que te façam a ti basta para bem viver.

**Mocenigo** — Essas numerosas mulheres que frequentais, são o suficiente para te condenar ao fogo cruel do inferno?

**G. Bruno** — És de facto de compreensão lenta, não existe inferno, danados, ou pecados punidos.

Quanto às mulheres: gosto, muito...ainda não cheguei ao número de Salomão... É um pecado que a Igreja faça das mulheres um pecado — faz tão bem à natureza...Tenho-as a todas por um grande mérito.

Digo-te mais, já que a igreja quer manter esses padres na ignorância devia-se pelo menos a cada um deles arranjar uma mulher.

**Mocenigo** — Sois um blasfemo, inimigo da religião. Um depravado...

**G. Bruno** — (ri) Olha um dia com uns amigos abriamos à vez o livro do Ariosto e escolhia-mos um verso ao acaso para cada um, saiu-me este: “De toda a lei inimigo e de toda a fé” (ri) Que dizes a isto...

Se me lebares diante da Inquisição: podem...retirar-me o hábito para sempre, e esse já eu o perdi. Meu caro Mocenigo, tendes em vossa casa um excomungado um apóstata

**Mocenigo** – Então foste já um religioso no passado.

**G. Bruno** — Sempre me arranjei bem.

**Mocenigo** — E como podereis arranjar bem as vossas coisas se não acreditais na santíssima trindade? Se dizeis tanto mal de nosso senhor Jesus Cristo? Se considerais que as nossas almas são feitas de lama, e que todas as operações do mundo são guiadas pelo destino, como já noutras ocasiões me disseste?

Mas ainda que tenhas demonstrado ser faltoso nas vossas promessas para comigo sabei que quero, em tudo isto, ser vosso amigo.

**G. Bruno** — Abre a porta, amigo...essa é uma palavra que te cai da boca, como veneno, invejoso... o que te posso ensinar aqui preso em tua casa, ou na prisão da Inquisição? Porque queres preso quem te ensina?

**Mocenigo** — Porque queres ir embora, como disseste que ias fazer, sem que o nosso contrato tenha chegado ao seu termo?

**G. Bruno** — Preparei as minhas coisas e disse-te que queria partir, não por pretender realmente ir-me embora, mas para refrear a tua impaciência em ser ensinado, com a qual constantemente me afliges.

**Mocenigo** — Foste pago para me ensinar...Ensina-me, pois!

**G. Bruno** — O professor foi encerrado à chave pelo puto...

Se me libertares ensino-te. Ensino-te tudo o que sei, apenas a ti revelarei os segredos de todas as minhas obras passadas e futuras, serei teu escravo, se queres dou-te tudo o que tenho aqui na tua casa, os meus livros, tudo. De ti já tive muitos presentes...basta que abras esta porta e me dês aquele livro de esconjuras que encontraste no meio das minhas cartas...

**Mocenigo** — Sois um herético, inimigo da religião.

**G. Bruno** — Sois um asno, inimigo de ti próprio...! A liberdade que esta na minha natureza nada sofrerá da sujeição e da ignorância que está na tua. Sou um livre pensador, serei sempre livre, a pequena prisão onde vives nada pode contra mim.

**Mocenigo** — Aqueles como tu que se alimentam da soberba serão vencidos pois são inimigo de Deus...Estes livros são livros do demônio, pois só o demônio prevê o futuro.

**G. Bruno** — A arte divinatória não diz respeito a religiões, as religiões sempre me deixaram indiferente. A Deus o passado, aos homens o futuro.

**Mocenigo** — São livros do demônio, pois só o demônio prevê o futuro.

**G. Bruno** — Dá-me esses livros! Não podes ser detentor dessa verdade, ela supera-te em tamanho, serás esmagado sob o seu peso e importância pequeno espírito.

Queres aprender de mim, como? Se confundes curiosidade com vaidade. Não compreenderás uma só linha daquilo que eu escrevo, nem tu nem esses asnos que são todos os padres, nem os maiores doutores e teólogos. Não há outro como eu... Não aceito que o destino deixe que um homem como eu seja destruído por um homúnculo como tu.

E agora digo-te liberta-me, és jovem verás que a tua vida será longa se não cometeres este grave erro, e dolorosa se persistires em amordaçar aquele que te ensina. Veda a ti próprio o teu futuro...

**Mocenigo** — Não és digno de confiança. É minha intenção levar-te ao tribunal, onde te darão um destino que se te adequa. Se te liberto poderás matar-me como já fizestes a outros que te acusaram, se não te contentas em me ensinar contenta-te em ser condenado pela Inquisição.

**G. Bruno** — Abre a porta!

### **Cena 3 - Denúncia de Zuanne Mocenigo**

#### **— 22 maio 1592 ao inquisidor de Veneza Giovan Gabriele da Saluzzo**

Reverendíssimos Padres, eu Giovanne Mocenigo, denuncio a vossas Paternidades, e a este tribunal da Santa Inquisição, por obrigação da minha consciência e por ordem do meu confessor, ter ouvido em minha casa, Giordano Bruno dito o Nolano dizer:

é grande blasfêmia afirmarem os católicos que o pão se transmuta em carne, disse;

ele é inimigo da missa, disse;

nenhuma religião lhe agrada, disse;

Cristo foi um triste, disse;  
se Cristo fazia tristes obras seduzindo os povos, podia muito bem então ter predito a sua morte por enforcamento, disse;  
não há em Deus distinção de pessoas, disse;  
isso seria imperfeição em Deus, disse;  
o mundo é eterno, e são infinitos os mundos, disse, Deus os faz infinitos continuamente, porque, Deus quer quanto pode, disse;  
Cristo fazia milagres aparentes e era um mago, e assim os apóstolos, disse;  
Cristo mostrou morrer contrariado, e fugiu quanto pôde, disse;  
não existe castigo para os pecados, ri-se de todos os pecados;  
as almas passam de um animal a outro, disse;  
desejar fazer-se autor de nova seita sob uma nova filosofia, disse;  
a Virgem não pode ter parido, disse;  
a nossa fé católica está cheia de blasfêmias contra a majestade de Deus, disse;  
para emporcalhar o mundo basta levar as disputas e as questões difíceis aos frades, disse, são todos asnos, e que as nossas opiniões são doutrinas de asnos, disse;  
Não temos provas de que a nossa fé esteja de acordo com Deus, disse;  
Não fazer aos outros aquilo que não gostaríamos que nos fizessem a nós, basta para bem viver, disse;  
dá valor à arte divinatória, quer ver o mundo inteiro correr atrás dele, disse;  
se interrogasse os maiores teólogos do mundo, estes não lhe saberiam responder, disse.  
Disse ter tido já outras querelas (de 130 artigos) com a Inquisição de Roma, disse;  
fugiu durante o processo, por ter atirado às águas do Tibre quem o acusou perante Inquisição, disse.  
Eu desejava aprender com ele, como vos referi...  
Só ao fim de dois meses me apercebi que era assim tão malvado, perverso como é; chegou mesmo a dar-me uma bofetada e disse...  
Tendo eu notado estas coisas a fim de vos dar notícia, depois de ter suspeitado que poderia fugir, como tinha dito que faria...decidi encerrá-lo à chave... num quarto, em minha casa — está à vossa requisição.  
E como o tenho por possuído pelo demónio, rogo-vos de lhe dar uma solução veloz.  
Entrego também a vossas Paternidades três livros impressos que retirei dos seus pertences, assim de fugida notei eu algumas coisas... também vos entrego outra sua obra, esta manuscrita, sobre Deus, “para a resolução de certos predicados universais” onde podereis dizer de vosso juízo.  
Os escritos que fez para meu uso? (são de nenhum relevo) entregá-los-ei voluntariamente à vossa censura... desejando eu em todos os pontos ser um verdadeiro filho obediente a este tribunal e à Santa Madre Igreja. As vossas reverendíssimas Paternidades, beijo as mãos.

## **Cena 4 Processo em Veneza**

### **A Cruz**

#### **Francesco Graziano, companheiro de cela de G. Bruno em Veneza:**

“G. Bruno vendo que eu e outros fazíamos o sinal da cruz, disse que não devíamos fazê-lo, disse: Cristo não morreu na cruz, que foi morto sobre dois pedaços de madeira, onde costumavam pendurar os condenados; que a forma de cruz que hoje em dia se tem nos altares, era um símbolo, esculpido no peito da deusa Ísis, disse que esse sinal foi sempre venerado pelos antigos, disse que os cristãos o tinham roubado aos antigos, fingindo ser essa a cruz de madeira onde Cristo foi pregado.”

#### **Frade capuchinho Celestino companheiro de cela de G.B. em Veneza:**

Testemunho contra Giordano Bruno porque estou em crer que foi ele que me denunciou a este tribunal.

Ouvi Giordano Bruno dizer que não existe inferno e que ninguém é danado de pena eterna, disse que com o tempo cada alma se salva, alegando para tal as palavras do

profeta no salmo: “Será que para sempre ficarás irado contra nós, Senhor?”  
“Nunquid in aeternum Deus irascetur” Sal 35,7

**E Celestino, Cita como co-testemunho Giulio de Saló carmelita:**

que todos seriam salvos, até os demônios, e que não haveria pena eterna para ninguém alegando o salmo: “Nunquid in aeternum Deus irascetur”.

**Frade Giulio companheiro de cela de G. Bruno em Veneza:**

Giordano disse que não havia inferno, mas sim purgatório porque as penas do inferno não eram eternas, mas tinham fim e todos se haveriam de salvar.

**Francesco Graziano, companheiro de cela de G. Bruno em Veneza:**

G. Bruno disse que não havia nem inferno nem purgatório, mas se algum dos dois existisse havia de ser o purgatório, que era mais razoável que o inferno, disse que todos um dia seriam salvos, que no fim do mundo se salvariam até mesmo os demônios citando o salmo “Homens e bestas tu salvarás, Senhor” “ Homines et iumenta salvabis Domine”.sal 35,7.

E se eu lhe replicava acerca disso, ele logo dizia: “és uma besta um cabreiro não sabes nada.” Uma vez deu-me um estalo...

**Giordano Bruno no quarto interrogatório:**

Eu afirmei que a cruz não tinha quatro ramos iguais, como é de uso, e que é usurpado esse sacro símbolo, porque era o modo como se puniam os reis, o quarto ramo é na cruz de Cristo postiço e é aí colocado pela comodidade em se pendurar a inscrição.

E tudo o que possa ter dito em relação á cruz de Cristo, disse-o tal como me parece ter lido em Marsilio Ficino: que a virtude e reverência desse símbolo é muito mais antiga que o tempo em que encarnou nosso senhor, que é um símbolo já reconhecido no tempo em que florescia a religião dos egípcios, por alturas do tempo de Moisés, e que esse sinal esta pendurado no peito de Ísis

**Giovanni Mocenigo delator de Giordano Bruno a este tribunal**

Por todo o tempo em que em minha casa esteve, (cerca de 2 meses) nunca o vi frequentar a missa.

**G. Bruno no segundo interrogatório:**

Não fui à missa pelo impedimento da excomunhão, por ter sido apóstata. Estive porém nas vésperas e prédicas, e esta última Quaresma frequentei as igrejas; e se bem que por muitos anos pratiquei com calvinistas, luteranos, e outros heréticos, não por isso alguma vez duvidei do dito sacramento da eucaristia, nem de outros sacramentos. Com os heréticos sempre tratei matérias ligadas á filosofia, nunca admiti falar de outro assunto que não fosse a filosofia. Alias, por esse motivo sempre fui bem tratado pelos heréticos, tinham-me por um filosofo, que não se intrometia nas opiniões deles; ou melhor eles mais facilmente pensavam não ter eu religião do que eu acreditar na deles.

## **Cena 5 Mundos infinitos**

**Francesco Graziano, companheiro de cela de G. Bruno em Veneza:**

Defendia nos seus raciocínios que existiam muitos mundos. Que o mundo era uma estrela, e que este nosso mundo aos outros mundos parecia uma estrela, como as estrelas, que são mundos, reluzindo para nós como estrelas. E eu repreendendo-o, respondia-me, que raciocinava como filósofo, porque não existiam filósofos como ele.

Uma noite levou à janela Francesco Napolitano:

Dizia que existiam variadíssimos mundos, que todas as estrelas eram mundos e uma grande confusão de mundos...

**Este testemunho não foi repetido. A testemunha entretanto faleceu.**

**Mateo Silvestri companheiro de cela de G. Bruno em Veneza:**

Do mundo dizia que era eterno, e que existiam milhares de mundos, e quantas estrelas se viam eram mundos.

**Giordano Bruno no terceiro interrogatório:**

Nos meus livros se pode ver na verdade que eu concebo um universo infinito, ou seja efeito da infinita divina potência, porque estimo coisa indigna da divina bondade e potencia que, podendo produzir para além deste mundo um outro e outros infinitos, produza um só mundo, e finito. Assim declarei infinitos mundos semelhantes a este da Terra: Terra que tal como Pitágoras entendo ser um astro semelhante à lua, aos planetas e a outras estrelas que são infinitas.

**G. Bruno é de novo chamado a responder a 2 Junho diante dos juízes:**

Porquanto a minha filosofia repugnasse indirectamente a fê, na parte que concerne a Aristóteles e Platão, todavia nunca ensinei ou escrevi nada que à fê directamente se opusesse. Creio num mundo infinito na grandeza, infinito na multiplicidade, governado por uma lei geral e constante a que chamo — providência — em virtude da qual, cada coisa vive, vegeta, mexe-se e esta na sua perfeição.

Afirmo ter a divindade três principais atributos: potencia, sabedoria, bondade; ou seja, mente, intelecto, amor.

Atributos pelos quais as coisas têm:

o ser por causa da mente,

o ser ordenado e distinto por causa do intelecto,

a concórdia, a simetria por causa do amor.

**Cena 6 Vida extraterrestre****Giordano Bruno no décimo segundo interrogatório:**

Em cada um desses mundos digo, que necessariamente existem quatro elementos como nesta terra, ou seja mares, rios, montes, abismos, fogos, animais, plantas. Quanto a homens? “Criaturas racionais, substâncias corpóreas como nós”, deixo-o ao arbítrio de quem quiser, mas é de crer que existam e sejam animais racionais.

Quanto concerne depois à condição do seu corpo, se é corruptível como o nosso ou não, isto não se conclui pela ciência; mas é coisa em que crêem rabinos e outros santos do Novo Testamento que sejam animais por graça de Deus. Também esses entendem ser aí “terra dos vivos” e “lugar dos beatos” segundo o salmo: “Estou certo de contemplar a bondade do Senhor na terra dos vivos” Sal 26,13. Desses descem anjos em forma de luz e fogo, às vezes em favor deste mundo. E assim o entende S. Basílio naquele seu verso “faz dos ventos os teus anjos, e das chamas os teus ministros” Sal 103,5) dizendo com isto que os anjos são corpóreos; e S. Tomás diz não ser algo que faça escrúpulo a fê, se os anjos são corpóreos ou não. As quais autoridades me leva a especular que nesses mundos existam animais racionais, viventes e imortais, e chamam-se anjos em vez de homens.

Não é inconveniente que os anjos (animais racionais e imortais, diferentes de nós por este último motivo) como os animais se nutram, comam e bebam no modo próprio à sua natureza; mas se não morrem, é coisa certa que não se multiplicam por geração.

**Foi-me perguntado por este tribunal, o porquê da diferença entre os seres mortais deste mundo e os imortais dos outros, respondeu:**

Retiro essa opinião da autoridade das Sagradas Escrituras, que acerca deste mundo não fazem qualquer referência a homens mortais mas a terra dos vivos.

Se estivessem neste mundo, os anjos, seriam semelhantes ao homem enquanto animais racionais que são, do mesmo modo nós não obstante o comer e a nutrição seríamos imortais, não fosse pelo pecado.

Os anjos são imortais não por natureza, mas por graça de Deus, na maneira como fez imortais os nossos mais próximos parentes em género, mediante o comer da

árvore da vida, que tem a tutela não só da nutrição mas de restauração de toda a substância e inteira conservação dos elementos e princípios naturais.

## **Cena 7 - Do infinito, do universo e dos mundos inumeráveis**

Se eu, ilustríssimos Cavalheiros, manejasse o arado, apascentasse um rebanho, cultivasse uma horta, remendasse um fato, ninguém faria caso de mim, raros me observariam, poucos me censurariam, e facilmente poderia agradar a todos. Mas, por eu ser delineador do campo da natureza, atento ao alimento da alma, ansioso da cultura do espírito estudioso da actividade do intellecto, eis que me ameaça quem se sente visado, me assalta quem se vê observado, me morde quem é atingido, me devora quem se sente descoberto.

E não é só um, não são poucos, são muitos, são quase todos.

Daí, sucede que não arredo pé do árduo caminho, por cansaço; nem retiro as mãos da obra que se me apresenta, por indolência; nem qual desesperado, viro as costas ao inimigo que se me opõe, no entanto sinto-me geralmente reputado sofista, que procura mais parecer subtil do que ser verídico; ambicioso, que mais se esforça por suscitar nova e falsa seita do que por consolidar a antiga e verdadeira; trapaceiro que procura o resplendor da glória impingindo as trevas dos erros; espírito inquieto que subverte os edificios da boa disciplina, tornando-se maquinador de perversidade.

Oxalá, senhor, que os santos numes afastem de mim todos aqueles que injustamente me odeiam; oxalá que me seja sempre propício o meu Deus; oxalá que me sejam favoráveis todos os governantes do nosso mundo; oxalá apareça no mundo algum fruto útil e glorioso do meu labor, acordando o espírito e abrindo o sentimento àqueles que não têm luz de intellecto; pois em verdade, eu não me entrego a fantasias, e se erro, julgo não errar intencionalmente; falando e escrevendo, não disputo por amor da vitória em si mesma (pois que todas as reputações e vitórias considero inimigas de Deus, abjectas e sem sombra de honra, se não assentarem na verdade), mas por amor da verdadeira sapiência e fervor da verdadeira especulação me afadigo, me apoquento, me atormento.

È isto que irão comprovar os argumentos da demonstração, baseados em raciocínios válidos que procedem de um juízo recto, informado por imagens não falsas, que, como verdadeiras embaixadoras se desprendem das coisas da natureza e se tornam presentes àqueles que as procuram, patentes àqueles que as miram, claras para todo aquele que as aprende, certas para todo aquele que as compreende.

Eu, nós, nós, nós Giordano Bruno apresento-vos agora a minha especulação acerca do infinito, do universo e dos mundos inumeráveis:

Personagens:

**Elpino, Nuno**

**Filóteo, Rui Pena**

**Fracastório, Adriano**

**Búrquio, Carlos**

### **Primeira Jornada**

**Elpino** – Como é possível que o universo seja infinito?

**Filóteo** – Como é possível que o universo seja finito?

**Elpino** – Julgam que se pode demonstrar essa infinidade?

**Filóteo** - Julgam que se pode demonstrar essa finidade?

**Elpino** – De que extensão falas?

**Filóteo** – E tu de que limites falas?

**Fracastório** – *Ad rem, ad rem, si iuvat*; À coisa, à coisa, demasiado tempo nos mantiveste na dúvida.

**Búrquio** – Apresenta já alguma argumentação, Filóteo, pois vou-me divertir imenso ao escutar essa fábula ou fantasia.

Fracastório – *Modestius*, Búrquio: que dirás, se por fim a verdade te convencer?

**Búrquio** – Ainda que isso seja verdade, não quero crê-lo; porque não é possível que esse infinito possa ser compreendido pela minha cabeça, nem digerido pelo meu

estômago; embora na verdade eu deseje que fosse como diz Filóteo, pois se por má sorte viesse a cair fora deste mundo, encontraria sempre outras terras onde cair.

**Elpino** – Decerto, Filóteo, se nós quisermos fazer dos sentidos juiz, ou dar-lhes a primazia que lhes cabe, pelo facto de todo o conhecimento provir deles, concluiríamos não o que tu dizes, mas exactamente o seu contrário.

Agora, se quiseres, começa por fazer-nos compreender alguma dessas coisas.

**Filóteo** – Elpino, não existe sentido que possa ver o infinito, porque o infinito não pode ser objecto dos sentidos.

Ao intelecto sim, compete julgar, e dar razão das coisas afastadas no tempo e no espaço. Quanto a isto, é bastante elucidativo e testemunho suficiente, o facto de em relação ao que é infinito, os sentidos não terem força para nos contradizer.

**Elpino** – Mas então para que nos servem os sentidos?

**Filóteo** – Somente para excitar a razão. A verdade em mínima parte brota desse débil princípio, que são os sentidos, mas não reside neles.

**Elpino** – Onde esta então a verdade?

**Filóteo** – No objecto sensível, como num espelho; na razão, sob o aspecto de argumentação e discurso; no intelecto, sob o aspecto de princípio ou conclusão; na mente, como forma própria e viva.

**Elpino** – Vamos, procede com os teus argumentos.

**Filóteo** – Se este mundo é finito, e se fora do mundo está o nada, pergunto-vos: onde está o mundo? Onde está o Universo?

**Elpino** — Aristóteles Responde: esta em si próprio.

**Filóteo** – Ora o que quer dizer com isso Aristóteles, com essa formula: “o lugar está em si próprio?” Que concluiria eu para as coisas que estão fora do mundo? Se dizes que aí esta o nada, que não existe mais nenhum mundo então decerto o céu, o mundo, não estará em parte alguma...

**Fracastório** – Assim o mundo estará em nenhum lugar. Tudo estará no nada.

**Filóteo** – O mundo será algo que não se encontra, em parte alguma. Se dizes (pois parece-me que queres afirmar a existência de qualquer coisa, para fugir ao vazio e ao nada) que fora do mundo há um ser intelectual, divino, Deus, e assim Deus, vem a ser “o lugar” de todas as coisas, ver-te-ás muito atrapalhado para fazeres compreender como é que Deus um ser incorpóreo, inteligível, sem dimensões venha a possuir corpo, dimensões e a ser o lugar onde se encontram todas as coisas.

**Elpino** — Deus compreende as coisas como uma forma, como a alma compreende o corpo.

**Filóteo** — Não respondes à questão do que esta fora... o que se encontra fora ou para além do Universo.

**Elpino** — Onde está o nada, onde não está coisa alguma, tão-pouco existe lugar nem para além, nem fora.

**Filóteo** – Não me contento com isso: são palavras, desculpas que não podem ser compreendidas pelo nosso pensar.

É absolutamente impossível que, com algum sentido ou por meio de alguma imaginação (mesmo que se encontrassem outros sentidos e outras imaginações), me possas levar a afirmar, que existe uma tal superfície, um tal limite, uma tal extremidade, para além da qual não existe nem corpos nem vazio; mesmo que Deus aí esteja, pois não é tarefa da divindade “encher o vazio”, ou ser limite de um corpo; e se o afirmas, és menosprezador da dignidade da natureza divina, universal.

**Búrquio** – Creio, seguramente, que se lhe deve responder que se alguém estendesse a mão para fora desse universo desse limite convexo (côncavo), ela, a mão, não estaria em um lugar, não estaria em parte alguma, e por consequência não teria ser, não existiria.

**Filóteo** – Búrquio, indo directamente ao assunto, parece-me ridículo dizer que fora desse céu está o nada, que esse céu esta em si próprio, localizado aqui por acidente, é lugar por acidente, e o mesmo com respeito às suas partes.

E seja como for que se interprete, não se pode fugir a que se faça de um, dois; porque sempre uma coisa é a forma, e outra o conteúdo. E tanto assim é, que para ele, Aristóteles a forma é incorpórea, e o conteúdo é corpo, a forma é imóvel, o conteúdo móvel; a forma é matemática, o conteúdo físico.

Ora seja esse limite, essa superfície o que se quiser, nunca me cansarei de perguntar: o que é que está para além dela?

Se se responde que está o nada, então direi ser: o vácuo, o vazio, a ausência. E um tal vácuo, tal vazio, tal ausência, não tem medida nem qualquer limite exterior, tendo porém medida, limite e fim no lado de cá.

É mais difícil imaginar isto que pensar ser o universo infinito e imenso? É que não podemos fugir ao vácuo, ao vazio se quisermos admitir o universo finito.

Vejamos agora se é possível que exista o tal espaço, em que nada está.

Nesse espaço infinito encontra-se este nosso universo (quer seja por acaso por necessidade, ou providência, por enquanto não nos interessa).

Pergunto: este espaço, que contem o mundo, possui maior aptidão para conter o mundo do que outro espaço qualquer, existente mais além?

**Fracastório** – De certo parece-me que não, porque onde esta o nada, não há diferença alguma; onde não há diferença não aptidões diversas; e talvez não haja aptidão alguma onde não existe absolutamente nada.

**Filóteo** – Dizes bem Fracastório. Eu digo que, tal como o vácuo não tem aptidão alguma para receber, muito menos a terá para repelir o mundo.

E destas duas aptidões, de receber e de repelir, a primeira vemo-la a segunda não a podemos de facto ver, senão com os olhos da razão.

Tal como neste espaço, igual à grandeza do mundo, está este mundo, assim outro mundo pode estar naquele espaço e em inumeráveis outros espaços para além deste, iguais a este.

**Fracastório** — A nossa experiência é contrária ao vazio, e não ao pleno.

**Filóteo** — Portanto, resta agora ver se é de admitir que todo o espaço, seja pleno ou não. Sempre havemos de ver que não é lógico, mas necessário, que seja pleno.

E, para evidenciá-lo, pergunto-te: é bom que este nosso mundo exista?

**Elpino** — Muito bom.

Filóteo — Logo é bom que este espaço, igual à dimensão deste nosso mundo seja pleno.

**Elpino** — É pois.

**Filóteo** — Além disso, pergunto: acreditas então que, assim como neste espaço se encontra esta máquina chamada mundo, a mesma teria podido ou poderia estar noutro espaço desse vazio?

**Elpino** — Direi que sim, se bem que não veja como no nada, no vazio, se possam estabelecer diferenças.

**Fracastório** — Vês. Eu estou certo que vês, Elpino mas não o ousas afirmar, porque já te apercebeste onde nós te queremos levar. Continua, Filóteo.

**Filóteo** — Portanto, assim como este espaço pode, e tem podido existir, e é necessariamente um bem, perfeito por conter este mundo, como dizes, assim todo o outro espaço também pode, e tem podido ser bom e perfeito.

**Elpino** — Concordo; e com isto? Pode existir e pode estar. Existe, portanto? Está?

**Filóteo** — Levar-te-ei, se estiveres disposto a admiti-lo francamente, a dizer que pode existir, que deve existir, e que existe. Que o universo será de dimensão infinita, e os mundos inumeráveis.

**Elpino** — Qual a razão porque devem ser tantos, não te basta este mundo, não basta um?

**Filóteo** – Se há razão para que exista um mundo, um bem finito, um perfeito terminado, há também razão para que exista um bem infinito, porquanto, onde o bem finito existe por conveniência e razão, o infinito existe por absoluta necessidade.

**Elpino** — O bem infinito certamente existe, mas é incorpóreo.

**Filóteo** — Nisto estamos de acordo, quanto ao infinito incorpóreo. Mas o que nos impede de pensar esse infinito: que se explana neste seu simulacro infinito e ilimitado, que é capaz de conter inumeráveis mundos? Se exprima em tão estreitos limites! Que pareça vitupério o não pensar que este corpo, o nosso mundo, que se nos apresenta como grandioso e vasto, em relação à divina presença não seja senão um ponto, um nada.

**Elpino** — Como a grandeza de Deus de modo algum consiste na dimensão corpórea Filóteo (escuso dizer que o mundo nada lhe acrescenta), não devemos pensar que a grandeza do Seu simulacro consiste na maior ou menor grandeza de dimensão.

**Filóteo** — Falas bem Elpino mas não respondeste ao ponto essencial do meu argumento: é bom que existam, e bem podem existir, inumeráveis mundos

semelhantes a este nosso, da mesma maneira que tem podido existir, pode existir, e é bom que exista este mundo. Esta terra, mãe generosa que nos deu à luz, nos alimenta e que qualquer dia será retomada por esse espaço infinito.

**Fracastório** — Por favor, paremos aqui, e não façamos como os sofistas que disputam para vencer, e, enquanto procuram alcançar o triunfo, vedam a si próprios, e aos outros, a compreensão da verdade.

Portanto Elpino contenta-te com escutares outras razões, se ocorrerem a Filóteo.

**Elpino** — A falar verdade vejo bem que dizer o mundo ilimitado, como tu dizes ser este, não traz inconveniente algum, e até vem libertar-nos de inúmeras angustias em que estamos envolvidos, ao afirmarmos o contrário.

**Fracastório** — Mostras compreender bem os raciocínios e não ser sofista porque aceitas o que se não pode negar.

**Elpino** — Todavia, Filóteo gostava de ouvir o que resta acerca da tua argumentação.

**Filóteo** — Eis o que eu queria acrescentar.

Porque pensámos que a potência divina possa ser ociosa? Porque afirmar que a bondade divina, que se pode difundir infinitamente, prefira ser escassa e quase reduzida a um nada, visto que toda a coisa finita é nada, em relação ao infinito? Porque pretender que o centro da divindade, que infinitamente se pode ampliar numa esfera infinita (se assim se pode dizer), prefira ficar estéril, como um invejoso, a tornar-se pai fecundo, gracioso e belo?

Porque frustrar a capacidade infinita, defraudar a possibilidade de que possam existir mundos infinitos, prejudicar a excelência da divina imagem, que antes devia resplandecer num espelho ilimitado, segundo o seu modo de ser infinito, imenso? Porque afirmar uma coisa que, a ser admitida, tantos inconvenientes arrasta consigo? E sem de modo algum favorecer leis, religião, crenças, ou moralidade? Que destrói tantos princípios de filosofia? Como queres tu que Deus seja limitado quanto à potência, como limite sem limite, de coisa ilimitada?

Deus é todo o infinito implícita e totalmente, enquanto o universo está todo em tudo.

**Elpino** — Filóteo, desejava compreender isto melhor. Por isso peço-te, por o favor esclarecer melhor o que queres dizer, com existir todo, e totalmente em tudo, e todo, em todo o infinito e totalmente infinito?

**Filóteo** — Digo que o universo é “todo infinito” porque não tem limite, termo ou superfície, mas não digo que é “totalmente infinito”, porque cada parte que dele possamos tomar é finita, sendo também finito cada um dos mundos inumeráveis que contem.

**Elpino** — Entendo continua.

**Filóteo** — Logo, por todas as razões segundo as quais se diz ser conveniente, bom e necessário este nosso mundo, entendido como finito, se deve também afirmar serem convenientes e bons todos os outros mundos inumeráveis, (a que Deus pela mesma razão e onipotência concede existência.)

Que razão nos convence que Ele, podendo fazer um bem infinito, o faça finito?

**Fracastório** — Se o primeiro eficiente, Deus, não pode querer outra coisa senão o que quer, também não pode fazer outra coisa senão o que faz. Não vejo pois como alguns possam pretender que Deus, que no infinito e imenso pode fazer inumeráveis mundos, faça apenas um e finito.

**Elpino** — Em verdade, o que tu dizes, parece-me preferível à opinião comum. Cedo completamente ao teu juízo, e espero mesmo de futuro receber de ti semelhantes soluções; porque se bem que até agora em poucas coisas te tivesse interrogado, aprendi e concebi, todavia, bastantes coisas.

E de hoje em diante voltarei a apresentar-te dúvidas, se te dignares fazer-te encontrar neste lugar, à mesma hora, tantos dias quantos bastarem para ouvir e compreender o suficiente para acalmar o espírito.

**Filóteo** — Assim farei.

**Fracastório** — Serás bem-vindo, e seremos todos ouvintes muitos atentos.

**Búrquio** — E eu, embora pouco entenda, se não compreender os sentimentos, escutarei as palavras: se não escutar as palavras, ouvirei a voz

## Segunda Jornada

**Elpino** — Muito bem. Por favor, procede doutro modo; faz-me compreender que diferença há entre o mundo e o universo.

**Filóteo** — A diferença está muito divulgada, fora da tua escola peripatética. A escola estoíca por exemplo faz a distinção entre o mundo e o universo, porque o mundo é tudo o que é pleno, e consta de matéria sólida; o universo é não só o mundo, mas também o vácuo o vazio: por isso afirmam ser o mundo finito, mas o universo infinito.

Na mesma altura que os estoícos Epicuro, e já antes dele Demócrito, afirmam que existem o pleno e o vazio infinitos, um insito no outro, e que existem diversas espécies finitas, umas compreendidas nas outras, e umas ordenadas com respeito às outras. Sendo elas como partes (se é que se pode falar em partes) do infinito.

Do mesmo modo também eu digo existir um infinito, isto é, uma região etérea imensa, na qual existem inumeráveis e infinitos corpos como a terra, a lua e o sol, a que nós chamamos mundos compostos de pleno e vazio; porque este espírito, este ar, este éter, não está somente à volta destes corpos, mas, penetra dentro deles, e está contido em todas as coisas.

È neste ponto que o teu Aristóteles, tomando confusamente o vazio segundo estas significações, e juntando-lhe uma outra (que imaginou e nem sequer sabe definir) vai-se debatendo para se libertar do vazio, e pensa com os seus argumentos, destruir por completo, todas as opiniões acerca dele. Contudo, não toca nelas mais do que, se por alguém ter suprimido o nome a qualquer coisa, julgasse ter suprimido a coisa.

Os antigos e eu tomamos o vazio por aquilo em que pode existir o corpo e que pode conter qualquer coisa, e em que estão os átomos e os corpos, e somente Aristóteles esse sofista, define o vazio como sendo o nada, em que nada está, e nada pode estar.

**Búrquio** — Que fantasia é essa Filóteo... Se tudo é uma mistura de vazio e de corpos, se é verdade o que afirmas, os corpos então estão em continua mutação, e transformação, nada é estável!

**Filóteo** — E sendo o universo infinito e todos os seus corpos transmutáveis, todos por consequência, difundem sempre parte de si, e sempre em si recolhem, mandam para fora algo próprio, e recebem o que é alheio.

Esta terra tem as partes que lhe pertencem, aquela outra terra as dela. Assim aquele sol tem as partes que dele se difundem e procuram voltar a ele; e da mesma maneira outros corpos recolhem naturalmente as suas partes. Por conseguinte, como os limites e as distâncias duns corpos a outros, são finitos, assim são finitos os movimentos;

**Búrquio** — Logo dizes que não é verosímil a contestação de Aristóteles ao infinito, quando afirma que se existisse o infinito, qualquer corpo grave que aí estivesse caía sem fim, pelo infinito abaixo...

**Filóteo** — Tal como ninguém parte da Grécia para ir ao infinito, mas à Itália ou ao Egipto, assim, quando se move parte da terra, ou do sol, não procura um infinito, mas um finito, um limite. 66

E digo-vos mais, o mesmo se verifica também com os animais...

**Búrquio** — Com os animais, como assim?

**Filóteo** — Com os animais que não se mantêm doutro modo, senão com os alimentos que recebem de fora, e com os dejectos que expelem para fora dos seus corpos. Quem bem considerar concluirá (porque estamos em continua transmutação) que em jovens não temos a mesma carne que em meninos, e em velhos não temos a mesma que em jovens: acontece isto porque, continuamente fluem em nós novos átomos e partem de nós os recolhidos de outras vezes.

Como em volta do esperma, quando juntando-se átomos a átomos, se vem a formar e a crescer um corpo, isto quando esse influxo de átomos é maior que o defluxo; depois, (na juventude) o mesmo corpo tem certa consistência porque o defluxo é igual ao influxo, e vai assim em declínio para a velhice, quando o defluxo é maior que o influxo de átomos.

**Elpino** — Bom, se até os animais... e nós...perante isto, parece-me supérfluo apresentar aquelas outras razões grosseiras, com que Aristóteles pretende demonstrar que fora do céu não existe corpo infinito.

**Filoteo** — Eu creio e entendo que, para além, e além daquele limite imaginário do céu, existe uma região etérea, e corpos mundanos, astros, terras, sóis, todos absolutamente sensíveis por si, e para aqueles seres que aí vivem, se bem que não nos sejam visíveis pelo afastamento e distancia a que se encontram.

### **Terceira Jornada**

**Elpino** — O que levou Aristóteles a imaginar os diversos céus, ou esferas foram os diversos movimentos astrais, pois que se via um céu cheio de estrelas girar em volta da terra, sem que nenhuma delas se afastasse da outra, mantendo sempre a mesma distância e uma certa ordem.

**Filóteo** — A razão da equidistância depende só da falsíssima hipótese da fixidez da terra; contra o que brada toda a natureza, clama toda a razão e sentencia todo o intelecto recto e bem informado.

É um só o céu, o espaço imenso, o seio, o continente universal, a região etérea em que tudo corre e se move.

**Elpino** — Não existem esferas de superfície côncava e convexa, nem céus móveis.

Tudo é um campo, tudo é um receptáculo geral.

**Búrquio** — Onde está então aquela bela ordem, aquela bela hierarquia da natureza, pela qual se sobe do corpo mais denso e espesso que é a terra, ao menos espesso que é a água e ao mais divino que é o corpo celeste?

**Fracastório** — Queres saber onde está essa ordem? Onde estão os sonhos, as fantasias, as quimeras, as loucuras?

**Búrquio** — Claro porque tu assim pões o mundo de cabeça para baixo.

**Fracastório** — Parece-te que faria mal, que se quisesse inverter um mundo já às avessas?

**Búrquio** — Queres tornar vãs tantas canseiras, estudos, suores, acerca de físicas auscultações, de céus e de mundos, em que têm alambicado o cérebro tão grande número de comentadores, parafrazeadores, gloseadores, compendiadores, sumistas, escoliastas, transladores, divulgadores, teóricos? Em que puseram as suas bases, e lançaram os seus fundamentos, os doutores profundos, subtis, áureos, magnos, inexprugnáveis, irrefragáveis, angélicos, seráficos, querúbicos e divinos?

**Fracastório** — Adde os tritura-pedras ou quebra-seixos, os cornúpetos, os escocinhadores. Adde os visionários, paládios, olímpicos, firmamentícios, celestes do império, altissonantes.

**Búrquio** — Deveremos, a teu pedido, mandá-los todos para uma latrina?

**Fracastório** — Não é justo que tiremos a alface aos burros, e pretendamos que o gosto deles seja igual ao nosso. A variedade de engenhos e intellectos não é menor que a de espíritos e estômagos.

**Búrquio** — Queres que Platão seja um ignorante, Aristóteles um burro, e sejam insensatos, estúpidos e fanáticos, aqueles que os seguiram?

*(Búrquio e Fracastório lutam, Búrquio fica estendido no chão a gemer)*

**G. Bruno** — Não é possível, mas necessário, que o supremo, o máximo, o incompreensível, seja tudo, esteja em tudo, esteja em toda a parte, pois pode, como simples e indizível, ser tudo, estar em toda a parte, estar em tudo. E assim, não foi proclamado em vão que Júpiter preenche todas as coisas, habita todas as partes do universo, é o centro do ser; é uno em tudo; e por ele tudo é uno. Sendo todas as coisas, compreendendo todo o ser em si, faz com que cada coisa esteja em cada coisa.

**Búrquio** — Seja como lhe agradar, mas no que me diz respeito, não quero afastar-me da opinião dos Antigos, pois, diz o Sábio, na Antiguidade está a Sapiência.

**G. Bruno** — Mas acrescenta: «e a prudência no número dos anos». Se bem meditares Búrquio constatarás que do teu princípio se deduzem consequências opostas à tua afirmação: quero dizer com isso que somos mais velhos que os nossos antepassados; o nosso percurso é mais longo que o deles, pelo menos no que se refere a certos juízos, como é o caso no que até aqui discutimos neste dialogo.

Não é possível que o juízo de Eudóxio (que viveu pouco tempo depois da renascente astronomia, ressuscitada talvez com ele) tenha sido tão avançada como a de Calipo que viveu trinta anos depois da morte de Alexandre, Calipo podia, no decorrer dos anos, acrescentar observações a outras observações. Pela mesma razão Hiparco

tinha de saber mais de Calipo, pois conheceu o desenvolvimento astronómico que se operou durante cento e noventa e seis anos, desde a morte de Alexandre. Do mesmo modo Menelau, géometra romano, que estudou os vários movimentos dos astros, quatrocentos e sessenta e dois anos depois da morte de Alexandre, tinha fatalmente de possuir mais informações do que Hiparco. Bem mais viu Copérnico, quase nosso contemporâneo, ele que viveu mil oitocentos e quarenta e nove anos após a morte de Alexandre. Mas que alguns, vivendo ao lado dos antigos ou ao lado dos homens de hoje, não tenham sido mais atentos do que aqueles que os precederam e não tenham tido mais penetração no saber – isso provém daquilo que os primeiros não viveram, e os segundos não vivem os anos passados por outros homens; e o que é pior, uns e outros viveram, como se estivessem mortos, o tempo que lhes estava destinado. (*Cena, I*)

**Búrquio** – Dizei o que vos aprouver, e vos convier: eu sou amigo da antiguidade, e no que toca às vossas opiniões, ou paradoxos, não creio de todo que homens tão sábios fossem ignorantes, como vós pensais e outros tantos como vós, amigos da novidade.

**G. Bruno** – Bem, Búrquio, se essa, que é a opinião comum, e é também a tua, é, mais verdadeira por ser mais antiga, decerto era falsa quando foi nova!!! Antes desta filosofia ser conforme ao teu cérebro, foi a filosofia dos Caldeus, dos Egípcios, dos Magos, dos Órficos, dos Pitagóricos, e outros ainda de mais remota memória. Ponhamos de lado as razões da antiguidade e da novidade, dado que não há coisa nova que não possa ser velha, e não há coisa velha que não tenha sido nova, como bem referiu o vosso Aristóteles.

A Verdade, Búrquio, está antes de todas as coisas, em todas as coisas, depois de todas as coisas, acima de tudo com tudo, depois de tudo; tem o valor de princípio, de meio e de fim. Considerada como causa e princípio, é anterior às coisas, e estas dependem dela.

Quanto à verdade que te é acessível, aquela que podes compreender ao nível da tua inteligência, não é a Verdade suprema e primeira; não é mais que uma certa representação, imagem ou reflexo da Verdade primeira.

A violência não a suprime; o tempo não a corrompe; não fica diminuída por a esconderem; não se perde quando a comunicam.... melhor dizendo, quanto mais é combatida, mais se ergue e se enriquece; sem defensor nem protector afirma-se por si mesma; gosta de companhia do pequeno número e dos sábios; mantém-se afastada da multidão; só aparece àqueles que a ela se apresentam com humildade e não tentam conquistá-la pela fraude; eis porque permanece muito elevada; todos os olhares se voltam para ela; poucos conseguem vislumbrá-la.

**Búrquio** – Quem me garante que, dispensando tanto tempo e fadiga estudando, não me aconteça o que costuma acontecer à maior parte: que em lugar de comprar uma doutrina filosófica, não me infecte a mente de perniciosas loucuras?

Como é que eu, que não sei nada, poderei conhecer a diferença entre digno e indigno, entre a pobreza e a riqueza daqueles que são considerados sábios?

**Giordano Bruno** – Compreendo-te. De facto, todos nascemos ignorantes, acreditamos facilmente ser ignorantes, crescemos e somos criados com a disciplina e hábitos da nossa casa, e mais facilmente ouvimos censurar a fé e os costumes dos nossos adversários, e dos que nos são estranhos, do que os nossos. Junte-se a estas convicções de religião e fé, aquelas das ciências. Não imaginas quanta força tem o hábito de fazer acreditar, e se alimentar, desde a infância de certas convicções que impedem o conhecimento das coisas mais óbvias. Tal como costuma acontecer àqueles viciados em comer veneno, a quem o corpo acaba não só por não sentir os efeitos nefastos do veneno como acaba mesmo por se tornar no seu alimento natural e, assim, o próprio antídoto do veneno se torna mortífero.

## **Cena 8 Sentença**

**Cardeal Bellarmino** — Pela autoridade de Deus onnipotente, em nome do pai do filho e do espírito santo, e pela nossa autoridade tiramos-te o hábito clerical, te depomos, te degradamos e te privámos de todo e qualquer bem eclesiástico. Decidimos, pronunciamos, sentenciamos e te declaramos, frade Giordano Bruno,

ser herege impenitente, pertinaz e obstinado, e por isto deves incorrer em todas as censuras eclesiásticas e penas dos santos cânones, leis e constituições que se impõem a tais hereges manifestos, impenitentes, pertinazes e obstinados; e como tal te degradamos verbalmente e declaramos que deverás ser degradado de todas as ordens eclesiásticas em que hajas sido constituído, e deverás ser separado, da nossa santa e imaculada Igreja, de cuja misericórdia tens demonstrado ser indigno; e deverás ser entregue, e te entregamos ao tribunal secular, a Corte do Monsenhor Governador de Roma, aqui presente para castigar-te com a pena devida, contudo rogando-lhe ao mesmo tempo eficazmente que digne mitigar o rigor das leis concernentes à pena de tua pessoa, que esteja isenta do perigo da morte ou da mutilação de membros.

Ademais, condenamos, reprovamos e proibimos todos os livros e escritos teus, como heréticos, erróneos e abundantes de muitas heresias e erros, ordenando que daqui em diante todos os que se encontrem sejam desfeitos e queimados publicamente na praça de São Pedro, diante da escada, que sejam postos no Índice de livros proibidos, e faça-se como ordenamos.

Assim dizemos, pronunciamos, sentenciamos, declaramos, degradamos, mandamos e ordenamos, excomungamos, entregamos e rezamos, procedendo nisto e no resto de um modo incomparavelmente menos duro que de rigor poderíamos e deveríamos."

(silêncio profundo)

Maiori forsan cum timore sententiam in me fertis, quam ego accipiam

**"Maior temor é o vosso, ao pronunciar contra mim essa sentença, ó juízes, do que o meu ao recebê-la (submeter-me a ela)".**

O papado, sim preparava a fogueira mas não lhe pegava fogo. Isso era uma tarefa para a autoridade laica. Durante oito dias fiquei no cárcere, tive de estar oito dias diante do acontecimento previsto, certo, da minha morte pelas chamas; depois de sete anos de sobressaltos, contei uma a uma as horas, preparei-me para o suplício imaginando antecipadamente o sofrimento.

Finalmente a 17 de Fevereiro fui conduzido à fogueira. Era o dia do jubileu. O papa Clemente VIII celebrava-o. A multidão nas estradas de Roma era enorme. Fui conduzido à praça Campo dei Fiori, no meio da praça surge uma estaca grossa de madeira, à volta lenha. Fui conduzido por um espaço vazio entre as pessoas, despiram-me, prenderam-me, elevaram-me ao alto e amarrado à coluna. Daquele lugar alto vi a extensão daquelas cabeças levantadas para mim, por curiosidade cega, tornam-se cúmplices inconscientes da superstição que me conduz à fogueira. É aplicado o fogo à lenha. Ouve-se o repentino crepitar das chamas; estas alastraram-se rodeadas de fumo que me envolve os membros. Fui retirado pelas chamas à vista da multidão que me vê consumido por elas.

Para além do crepitar da lenha e da carne nada mais se ouviu. Mudo, não emiti um grito... Ah! Assim se morre nesta divina Itália, terra de rebeldes, de revoluções.

Morre-se e não se fala, sofre-se e não se geme. Não se pode ser um filósofo se não se é acima de tudo um rebelde...

Quem morre num século vive em todos os outros."

**Fim**